

AS PRÁTICAS COLETIVAS DE CUIDADO E A PROMOÇÃO DA SAÚDE: OLHARES A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DO ESPAÇO EKOBÉ

Autora: Vera Lúcia de Azevedo Dantas - DANTAS, V. L. A. – *Secretaria Municipal de Saúde de Fortaleza*
email: dantas.verinha@gmail.com

Co autores: Mayana de Azevedo Dantas - DANTAS, M. A. – *Universidade Estadual do Ceará*

Antônio Edvan Florêncio - FLORÊNCIO, A. E. - *Secretaria Municipal de Saúde de Fortaleza*

Antônio Edilson de Oliveira - OLIVEIRA, A. E. - *Secretaria Municipal de Saúde de Fortaleza*

Orientadora: Maria Rocineide Ferreira da Silva - SILVA, M. R. F. – *Universidade Estadual do Ceará*

Descritores: Educação Popular; Biodança, Constelação Familiar, Massagem do Som, Yoga

Introdução: O Espaço Ekobé é fruto da interação entre atores dos movimentos populares que constituem a Articulação Nacional de Movimentos e Práticas de Educação Popular em Saúde - ANEPS no Ceará, das Cirandas da Vida (estratégia de educação popular criada em 2005 no âmbito da Secretaria Municipal de Saúde de Fortaleza estratégia e atualmente vinculada à Coordenadoria de Gestão do Trabalho e Educação Permanente em Saúde da referida secretaria) e de estudantes e professores da universidade Estadual do Ceará, que vêm articulando práticas populares de cuidado, arte e educação na saúde para gerar saberes que incorporam a experiência popular. O percurso da ANEPS tem potencializado leituras de compreensão do vivido e exercícios de intervenção e produção da vida coletiva a partir da interação entre os diversos atores envolvidos, concretizados através de ações de cuidado, formação, de fortalecimento da articulação e de comunicação, na perspectiva de superação dos contextos de opressão vividos pelos grupos e comunidades, estruturando ações de transformação a partir das potencialidades dos atores envolvidos e do agir solidário. O Ekobé é gerido coletivamente por esses atores, que construíram conjuntamente o seu espaço físico, de forma solidária e sustentável, referenciado na permacultura e na Educação Popular. A ação solidária e cooperativa é protagonizada por esses atores e atrizes populares, especialmente a partir do cuidado e tem desencadeado movimentos de aproximação com os conteúdos temáticos de disciplinas integrantes dos cursos da área da saúde na graduação e pós-graduação, bem como com os processos de educação permanente desenvolvidos nos serviços de saúde de Fortaleza e movimentos populares, ao mesmo tempo que produziram diálogos entre as práticas integrativas e populares de cuidado, a arte e a educação na saúde, gerando um saber sobre cuidado que incorpora estratos significativos da experiência popular.

Esse processo parece aproximar-se do que Boaventura Santos (2005) nomeia como *tradução intercultural*: “práticas que promovem uma nova convivência activa de saberes no pressuposto que todos eles, incluindo o saber científico, se podem enriquecer nesse diálogo”. Essa dupla via pode, a nosso ver, contribuir para a busca de uma reorientação solidária da relação universidade-sociedade e da conversão da universidade em um espaço público de interconhecimento, onde os cidadãos e os grupos sociais podem dialogar sem se colocarem na posição de produtores de saberes excludentes. Parece-nos que, na experiência do Ekobé, a arte e as práticas populares de cuidado emergem como expressões singulares, criando zonas de contato para a efetivação do diálogo intercultural (Dantas, 2009).

As práticas de cuidado existentes no contexto dos movimentos populares de Fortaleza representam a principal singularidade da atuação do Ekobé, que mantém, desde 2006, no campus da UECE e em parceria com a Secretaria Municipal de Saúde, por meio das Cirandas da Vida, um calendário de práticas como massoterapia, *reiki*, fitoterapia, constelação familiar, biodança, ioga, auriculoterapia, radiestesia, florais, entre outras, como ação cooperativa e solidária desses movimentos e que estão disponibilizadas a estudantes, trabalhadores e pessoas das comunidades acolhendo inclusive usuários do SUS encaminhados pelas unidades de saúde.

Objetivos: Este trabalho objetiva construir reflexões sobre a experiência desenvolvida no Espaço Ekobé envolvendo as práticas coletivas de cuidado e seus diálogos com a promoção da saúde.

Metodologia: Para construção dessas reflexões, lançamos mão do relato de experiência construído com base na proposta de sistematização desenvolvida por Holliday (2006), considerando seus cinco passos estruturantes: o ponto de partida, a formulação do plano de sistematização, a recuperação do processo vivido, as reflexões de fundo e os pontos de chegada. Como ponto de partida, a necessidade de produção de reflexão sobre o vivido, considerando o protagonismo dos seus sujeitos cuidadores/educadores. A formulação do plano de sistematização se ancorou no círculo de cultura onde pudemos delimitar os objetivos, os aspectos centrais da experiência e a formulação de questões-problematizadoras. A recuperação do processo vivido se fez com a construção de narrativas dos sujeitos em diversas linguagens a partir das quais se desenvolveu a análise e síntese-crítica sobre o vivido e a socialização dos aprendizados. É importante ressaltar que de modo geral, as práticas do Ekobé estão referenciadas em

princípios da educação popular, como dialogicidade, amorosidade, emancipação e protagonismo popular

Resultados: A aproximação entre profissionais da saúde e os sujeitos populares com suas vivências de cuidado, historicamente construídas na luta popular, como superação às dificuldades de acesso ao sistema oficial e que Freire (1987, p. 77), denomina “saber-de-experiência-feito”, tem propiciado o reconhecimento do jeito de fazer saúde acumulado tradicionalmente nas formas populares de cuidar. Optamos por nomeá-las Práticas Populares de Cuidado, e estas tem desvelado possibilidades de construção de processos de cuidado dialogados, participativos e humanizados, acolhedores da cultura e do saber popular. Podemos considerá-las práticas sociais uma vez que se constituem no encontro entre diferentes sujeitos, que se identificam com uma postura mais integradora do ser humano reconhecendo e legitimando crenças, valores, conhecimentos, desejos e necessidades das classes populares, refletindo sua leitura do mundo, referenciadas na ancestralidade, nas experiências e condições de vida, no contexto sociocultural, reconhecendo o ser humano em sua totalidade e cuja principal referência é a profunda vinculação e amorosidade às pessoas, às comunidades onde vive e a luta solidária por uma vida mais digna para todos. Entre as práticas coletivas desenvolvidas no Ekobé, algumas são de caráter assistemático, como o corredor do cuidado, vivências de automassagem, vivências cenopoéticas, banho de som e ocorrem em momentos como acolhidas de estudantes, aulas de disciplinas da universidade e de processos formativos ofertados pelo Ekobé pautadas na educação popular e PICs. O **Corredor do Cuidado** é uma vivência que vem sendo trabalhada pelos movimentos populares do Ceará há muitos anos, inicialmente durante as formações em massoterapia que ocorriam no contexto dos movimentos. Sem maiores preocupações em definir suas referências conceituais, os atores e atrizes que protagonizavam esses processos, partiam da possibilidade de que esses cuidadores pudessem perceber que, além de realizar uma técnica de massagem, era possível em grupo acolher e cuidar das pessoas do modo como desejariam ser cuidadas. Dessa forma partiam de uma prática cultural da comunidade- o túnel da quadrilha junina- para que, ao entrar naquele corredor humano cada pessoa pudesse perceber a importância do carinho, da amorosidade e do respeito com o outro e com a outra, no sentido de compreender os limites de cada um na aceitação desse cuidado. O jeito como acontece é simples. Antes, os cuidadores fazem uma pequena explanação sobre os sentidos do corredor e o papel de cada pessoa nele. Em seguida forma-se um corredor humano e alguns cuidadores ficam fora dele para fazer um cuidado individual em cada pessoa e em seguida a pessoa adentra no corredor permitindo-se ser cuidada por todos e todas. No percurso das Farinhadas e outros encontros, o diálogo e interação com outras práticas como as práticas tradicionais indígenas e da afroreligiosidade, o reiki, além dos grupos de teatro,

folguedos populares e da cenopoesia novos ingredientes foram sendo acrescentados ao cuidado com toques de massagem originalmente utilizado. Assim é que hoje as vivências do corredor têm agregado, cuidados com tambor, maracás, ervas aromáticas, pedras, músicas, poesias que se incorporam de acordo com o contexto onde ele ocorre e em geral, corredor se transforma ao final da vivência, em uma grande roda ou espiral que nos permite refletir sobre a relação não apenas com os seres humanos mas com o planeta e o universo. Outra questão importante que a prática do corredor tem nos revelado é que o cuidar nem sempre necessita de técnicas apuradas e talvez por isso o corredor é atualmente uma prática presente no contexto de movimentos populares, eventos e até mesmo serviços de saúde de vários estados e até de países latino-americanos cujos companheiros e companheiras o vivenciaram e o recriaram em seus contextos. A cenopoesia é uma linguagem criada por Ray Lima que se articula com outras linguagens para ganhar diversidade e dar força ao discurso e sua capacidade de expressão. Atua como espaço de articulação e interfaces entre linguagens em seus aspectos formais e em suas especificidades para construir algo como que um campo dialógico, sinérgico e harmônico gerador de novas imagens, novos sentidos; multifacetados, mas ressignificados como linguagem única, porém aberta e viva. E aí a música e o teatro principalmente, têm trazido grandes contribuições. (LIMA, 2008). Para o autor, a “cenopoesia” traz a possibilidade de ampliar a comunicação, rompendo com as limitações da língua escrita e falada, estabelecendo um amplo leque de diálogos entre a poesia e os diversos “biomas morfoexpressivos das artes” (LIMA, 2008). Portanto, o exercício da linguagem cenopoética é uma busca intensa de diálogo entre as artes, as linguagens; entre as pessoas, entre idéias e visões de mundo, na perspectiva eco-humanizadora. Nesta busca ninguém precisa deixar de ser o que é para aprimorar seu modo de ser e agir a partir desse diálogo diverso e amoroso entre os diferentes e suas diferenças. (LIMA, 2008). Nesse sentido, o exercício da linguagem “cenopoética” parece revelar-se ao mesmo tempo como uma forma singular de produção artística onde dialogam diversas linguagens e na experiencia do Ekobé, também como estratégia educativa em diálogo com o cuidado a partir da qual é possível refletir e problematizar a realidade, lançando mão de inúmeras possibilidades de criação e expressão e inclusive de compor com os corredores do cuidado, as vivências coletivas de automassagem, entre outras. Outras práticas acontecem de forma sistemática algumas delas com organização de grupos tais como Yoga, Biodança, Sociodrama e Constelação Familiar algumas das quais foram recentemente incluídas na PNPIC. Essas práticas são ofertadas de forma protagônica e solidária por

cuidadores do espaço e os grupos funcionam de forma cooperativa. A Biodança é um sistema de integração e desenvolvimento de potenciais humanos que utiliza o movimento, a música e a vivência. Criado na década de 60 pelo cientista chileno Rolando Toro, refere-se à poética do encontro humano constituindo-se um sistema de desenvolvimento humano, uma ação bio-pedagógica a favor de aprendizagens vitais. Atua no sentido de facilitar o desenvolvimento dos potenciais humanos, como a alegria de viver, a coragem para dizer sim e não nos momentos adequados, a determinação para realizar projetos e desejos pessoais. Utilizando a música, o movimento e a vivência, a Biodança recupera o valor originário da dança, movimento pleno de sentido, porque é conectado com a emoção. Promove a integração e desenvolvimento dos elementos básicos existentes no ser humano como: vitalidade, sexualidade, criatividade, afetividade e a transcendência na busca do desenvolvimento pleno da relação consigo, com o outro e com a totalidade (comunidade). As Constelações Familiares são uma abordagem terapêutica de base sistêmica fenomenológica criada e sistematizada pelo psicanalista alemão Bert Hellinger que a utiliza no atendimento a pessoas, casais e famílias cujos problemas considera como emaranhados sistêmicos. Esta vem sendo propagada e utilizada em vários países desde os anos 80 e tem possibilitado que a família e seus membros encontrem respostas para os emaranhados que vivem, alcançando assim um novo patamar de equilíbrio e discernimento. A Constelação Familiar está embasada na Epistemologia Sistêmica que enfatiza a ecologia, a relação e os sistemas ancorando-se na compreensão do contexto, da complexidade e da inter-relação. No contexto do Ekobé essas práticas se propõem também, ao serem ofertadas de forma solidária e cooperativa a promover o acesso destas aos atores do movimento popular tendo em vista que, em geral são disponibilizadas em espaços privados e inacessíveis às classes populares, O envolvimento de estudantes, usuários do CAPS e dos serviços de APS, além pessoas das comunidades tem propiciado a ampliação do olhar sobre o cuidar que inclui autonomia, diálogo, amorosidade, confiança e cooperação, incorporando os jeitos de cuidar que cada um traz além de dimensões como a criatividade, o lúdico e a espiritualidade, Desvela ainda outros desenhos do cuidar nos quais a arte e a cultura se incluem no processo de cuidar incorporando o saber de experiência feito dos partícipes como um saber construído na dimensão do vivido. Parece-nos que os processos vividos no Ekobé possibilitaram cuidadores e pessoas cuidadas a aprender a aprender, pois, como disse Freire (2003, p. 88), “ninguém nasce feito. Vamos nos fazendo aos poucos na prática social de que tomamos parte”., construção compartilhada de conhecimento e sustentabilidade. Desvela ainda as possibilidades de um modo de produzir cuidado mobilizando energias,

experiências, vontades de reinventar e seguir aprendendo e experienciando possibilidades de transformação dos sujeitos em sua relação com o mundo. Apesar dos desafios consideramos que o Ekobé, como espaço de ação articuladora da ANEPS no Ceará, tem contribuído para a visibilidade das práticas populares de saúde, promovendo o seu intercâmbio e tentando constituir espaço de interlocução com as instituições atuantes na formação em saúde, possibilitando a produção de novos conhecimentos sob o protagonismo popular. Nesse caso, o Ekobé aponta e se exerce como um mundo muito singular, tendo como centralidade e princípio fundamental o cuidado, onde *“cuidar do outro é cuidar de mim, cuidar de mim é cuidar do mundo.*

.Referências DANTAS, V.L.A. Dialogismo e arte na gestão em saúde: a perspectiva popular nas Cirandas da Vida em Fortaleza. (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, 2009. FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2000. (Coleção Leitura). FREIRE, P. O caminho se faz caminhando: conversas sobre educação e mudança social. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003 HOLLIDAY, O. J. Para sistematizar experiências; tradução de: Maria. Viviana V. Resende. 2. ed., revista. – Brasília: MMA, 2006, SANTOS, B. S. O Fórum Social Mundial: manual de uso. São Paulo: Cortez, 2005